



DEBATES EXPLORATÓRIOS SOBRE COLONIALISMO DE DADOS ¹

Camila COSTA²; Jonas Ferrigolo MELO³

¹ GT 7 Estudos Críticos em Ciência da Informação

² IBICT-UFRJ, camilamcta@gmail.com

³ Universidade do Porto, jonasferrigolo@gmail.com

RESUMO

Na contemporaneidade, os dados utilizados por organizações originam-se em indivíduos enquanto utilizadores das ferramentas digitais. Essa prática pode ser comparada ao extrativismo dos recursos naturais quando observamos que é comum a afirmação de que os dados pessoais são o novo petróleo (ECONOMIST, 2017; MARTINS, 2014). Por exemplo, a capa de uma edição do *The Economist* (2017) proclama “O recurso mais valioso do mundo”, com ilustração de plataformas de petróleo rotuladas com nome de algumas plataformas digitais perfurando um oceano de dados.

Paradoxalmente, essas metáforas que equiparam a datificação da vida (MAYER-SCHÖNBERGER & CUKIER, 2013) a outros processos extrativistas obscurecem ainda mais essas relações de poder. Considerar os dados como petróleo significa que se trata de algo que pode ser extraído naturalmente, pois existe no “solo” da vida social. Entretanto, como observa Scholz (2018, p. 864), essa metáfora “contorna a avaliação de qualquer apropriação indébita ou exploração que possa surgir do uso de dados”. Thatcher et al. (2016, p. 994) argumentam que estas práticas extrativistas chegam a “[...] espelhar processos de acumulação primitiva ou acumulação por espoliação que ocorrem à medida que o capitalismo coloniza tempos e lugares privados anteriormente não mercantilizados”.

Nesse sentido, a datificação é entendida como um novo modo de colonialismo (COULDRY & MEJIAS, 2019) que se apropria da vida humana para que os dados possam ser continuamente extraídos em benefício do interesse de alguns atores (TERRANOVA, 2000). E, sendo assim, a datificação torna-se um processo de abstração e extração de dados em vários espaços, objetivando lucro, com geografia e política determinadas (THATCHER et al., 2016).

Ao processo que estabelece uma cadeia de valor a partir dos dados chama-se *colonialismo digital* (YOUNG, 2019) ou *colonialismo de dados* (COULDRY & MEJIAS, 2019; MUMFORD, 2021; THATCHER et al., 2016). Trata-se de “[...] uma nova ordem social, baseada em rastreamento contínuo, que oferece novas oportunidades sem precedentes de discriminação social e influência comportamental” (COULDRY & MEJIAS, 2019, p. 336). Tal afirmativa é melhor compreendida através da história do colonialismo estabelecida a partir da criação e/ou manutenção de relações econômicas, culturais e territoriais desiguais entre Estados e impérios baseadas na dominação e na subordinação (SEGELL, 2019).

Freqüentemente, as tecnologias são celebradas pela planicidade, transparência e potencial para criar redes. Contudo, também camuflam as consequências desagradáveis do capitalismo de dados na forma de assimetrias de informação, trabalho não remunerado, controle social (WEST, 2019), vigilância constante, invasão de privacidade, relações desiguais, discriminação, extração e exploração (THATCHER et al., 2016), além de mão de obra mal remunerada.

Este artigo tem como objetivo examinar os conceitos de colonialismo digital e colonialismo de dados e contextualizar a contribuição que a Ciência da Informação (CI) pode dar à questão. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de revisão não sistemática de literatura. Conclui-se que a noção de colonialismo de dados e digital é significativa, útil e digna de discussão crítica com o propósito de ampliar o debate no âmbito da CI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. Data colonialism: Rethinking big data's relation to the contemporary subject. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 336–349, 2019.

ECONOMIST, T. The world's most valuable resource is no longer oil, but data. **The Economist: New York, NY, USA**, 2017.

MARTINS, M. DE L. A sociedade da informação, as ciências da comunicação e da informação e a comunidade científica (Prefácio). Em: PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. DA; RAMOS, F. (Eds.). **e-Infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Editora Senac, 2014. p. 9–14.

MAYER-SCHÖNBERGER, V.; CUKIER, K. **Big data: A revolution that will transform how we live, work, and think**. [s.l.] Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MUMFORD, D. Data colonialism: compelling and useful, but whither epistemes? **Information, Communication & Society**, p. 1–6, 9 nov. 2021.

SCHOLZ, L. H. Big data is not big oil: the role of analogy in the law of new technologies. **Tenn. L. Rev.**, v. 86, p. 863–893, 2018.

SEGELL, G. Neo-colonialism in Africa and the Cases of Turkey and Iran. **Insight on Africa**, v. 11, n. 2, p. 184–199, 2019.

TERRANOVA, T. Free labor: Producing culture for the digital economy. **Social text**, v. 18, n. 2, p. 33–58, 2000.

THATCHER, J.; O'SULLIVAN, D.; MAHMOUDI, D. Data colonialism through accumulation by dispossession: New metaphors for daily data. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 34, n. 6, p. 990–1006, 2016.

WEST, S. M. Data capitalism: Redefining the logics of surveillance and privacy. **Business & society**, v. 58, n. 1, p. 20–41, 2019.

YOUNG, J. C. The new knowledge politics of digital colonialism. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 51, n. 7, p. 1424–1441, 2019.